

O QUE QUEREMOS PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA DO DF

O modelo educacional opressor, inspirado em escolas militares, representa prejuízos para toda a comunidade escolar. A medida não é a solução para a melhoria da educação e fere o modelo de gestão democrática que queremos. Não somos contrários à polícia, porém, acreditamos que o lugar da PM é nas ruas, combatendo a violência que está na sociedade. Afinal, a PM foi criada para isto: atuar nas ruas. Atualmente, por exemplo, existe um déficit de cerca de sete mil policiais no efetivo do DF.

Educação se faz com investimentos, por isso, defendemos a valorização dos professores, dos orientadores educacionais, do Batalhão Escolar e da Segurança Pública de modo geral. É fundamental a ampliação dos recursos e, principalmente, o cumprimento das metas do Plano Distrital de Educação (PDE). Apesar de todos os desafios impostos, no ranking do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), os Ensinos Médio e Fundamental do DF ocupam os 4º e 5º lugares respectivamente.

Temos muito o que melhorar, mas, sem dúvida, essa mudança não passa pela militarização das escolas públicas.

#NÃOÀMILITARIZAÇÃO



Filial do:
CUT
CITE
DF



CUT
CITE

MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DF



*“Corregedoria
vai investigar
agressão de
PM contra
estudante de
escola militari-
zada no DF”*

**É ESSA A ESCOLA
QUE VOCÊ QUER:
SISTEMA AMEAÇADOR,
OPRESSIVO E
ANTIDEMOCRÁTICO?**

A FACE OBSCURA DA MILITARIZAÇÃO

CENSURA

Professores que lecionam em escolas militarizadas afirmam que o ambiente é hostil, que são coagidos constantemente e que há intervenção e ingerência da PM na parte pedagógica. A regra é vigiar e punir.

PROMETEU E NÃO CUMPRIU

O governo afirmou que injetaria R\$ 200 mil em cada escola militarizada, mas, a realidade é bem diferente. Há relatos de que a infraestrutura continua precária, sem ventilador, quadra coberta e laboratórios.

“O carro-chefe do governo Ibaneis para instituir a militarização era a disciplina. De fato, não houve mudanças. Continuamos tendo os mesmos problemas de desinteresse, indisciplina, falta de comprometimento. Se o próprio professor não tiver uma atitude, absolutamente nada é feito pela PM”

Depoimento de professora da SEEDF que não quis se identificar por medo de represálias.

ILUSÃO

A repressão extrema não acabou com a indisciplina. Pelo contrário, há relatos de muitos casos de violência verbal e física entre estudantes e PM e denúncias de assédio. A polícia atua na escola como se estivesse nas ruas e trata os estudantes como bandidos. A função da escola é formar cidadãos críticos. O que deveria ser um espaço de acolhimento e resolução de conflitos se tornou local de opressão em que estudantes são divididos em castas: quem não se enquadra no sistema opressor ou pensa diferente é expulso.

DESRESPEITO À IDENTIDADE

A regra é clara:
o uniforme é MILITAR, sendo assim, nada de brincos, piercings, tatuagens, colares ou pulseiras. Black power, mechas coloridas, rastafaris, dreds ou afins? Esquece! Para os meninos, cabelo raspado; para as meninas, coque baixo e muitas outras regras.

“Os estudantes que não se encaixam nos padrões que eles querem são advertidos por coisas banais, como um brinco maior, um chinelo de dedo, uma calça diferente, a camisa para fora, coisas tão pequenas que, absolutamente, em nada interferem na qualidade da educação. A ideia é apenas fazer o estudante se sentir tão mal a ponto de pedir para sair”

Depoimento de professora da SEEDF que não quis se identificar por medo de represálias.

PERIGO

Os profissionais não têm perfil nem formação e muito menos preparo pedagógico para atuarem com estudantes. São policiais afastados do serviço da PM por diversas doenças psicológicas muito sérias, como, por exemplo, estresse, depressão, ansiedade, esgotamento, descontrole emocional e outras mais.

“Alguns policiais lotados na escola não estão preparados para lidar com estudantes e professores. Houve situações tensas mal resolvidas”.

Depoimento de professora da SEEDF que não quis se identificar por medo de represálias.

